

ESTAMOS TODOS NO MESMO BARCO - UMA VISÃO A PARTIR DA ÍNDIA

Dadi D. Pudumjee¹

Escrevo esses pensamentos, tanto na condição de presidente da UNIMA Internacional, quanto de bonequeiro praticante e administrador/diretor do Festival Internacional de Teatro de Bonecos de Ishara.

Bonequeiros em muitos dos nossos países – e eu penso que o mesmo ocorre com bonequeiros brasileiros – assumem diversos papéis: criadores, construtores, diretores, administradores e, acima de tudo, comunicadores. Essa é uma verdade em diversos países pelo mundo, exceto onde há grandes teatros subvencionados pelo Estado.

Eu começo minha história de 2020 em algum momento de janeiro, planejando e finalizando a definição dos grupos de nosso 18º Festival Internacional de Teatro de Bonecos de Ishara, no qual, como vocês sabem, diversos grupos brasileiros já se apresentaram anteriormente, assim como grupos e artistas vindos de mais de 100 países, ao longo dessas últimas 18 temporadas. O festival, o público e as escolas que assistiram a última temporada em fevereiro vibraram com a variedade dos estilos e tradições do mundo, mesmo sem terem qualquer ideia do que nos afetaria nos meses seguintes.

Em março, acompanhado pela Secretária Geral da UNIMA, Idoya Otegui, e pela tesoureira da instituição, Lucile Bodson, chegamos à Abidjan, Costa do Marfim, na África Ocidental, para conduzir

oficinas de teatro de sombras para bonequeiros locais, no contexto do MASA - Marché des Arts, Du Spectacle d'Abidjan [Mercado das Artes do Espetáculo de Abidjan]. Essa deveria ser uma ação precursora do Projeto Quatro Continentes, planejado pelo nosso Congresso de 2020, em Bali, agora adiado para 2021 devido às restrições pandêmicas para viagens. Como vocês sabem, o texto dramático a ser trabalhado pelos diversos grupos foi escolhido em uma competição internacional, ganha pelo artista brasileiro Marcos Nicolaiewsky com o texto *Customs* [Fronteiras]².

Foi durante nossa estada em Abidjan que começamos a ouvir notícias sobre o novo Coronavírus (SARS-Cov-2) e a COVID-19, espalhando-se, supostamente, a partir da China para a Europa, e para o mundo. No momento em que saímos de Abidjan, entre 14 e 16 de março, tivemos a sorte de podermos retornar a nossos países e lares exatamente antes dos sistemas de isolamento e quarentena serem decretados, e a OMS declarar pandemia. O resto, como sabemos, é a história que estamos vivendo. A cada dia o noticiário nos conta muitas verdades, algumas delas bastante confusas – em que acreditar?

O termo *novo normal* parece ter se estabelecido: máscaras, isolamento, sanitização, quarentena, comorbidades, sirenes de ambulâncias, *Zoom* e pessoas com *kits* de Equipamentos de Proteção Individual, de repente tornaram-se imagens e sons cotidianos.

A Conferência Geográfica ResiliArt UNIMA³, feita por meio do aplicativo *Zoom*, reuniu bonequeiros

¹ Presidente da UNIMA Internacional. Vive em Nova Déli. E-mail: dadipud@gmail.com

de todo o mundo de um modo que jamais poderíamos imaginar, discutindo semelhanças nas condições atuais e maneiras de, quem sabe, superá-las. Artistas de teatro de bonecos espalhados pelo mundo e artistas associados, tais como atores, figurinistas, costureiros, técnicos de som e de luz, frequentadores de teatros e espaços de apresentação foram repentinamente deixados sós, a se indagarem sobre como sobreviver e manter a vida diária. Por aqui fui informado que na Índia, para levar um artista à cena há pelo menos 33 pessoas trabalhando nos bastidores. Talvez precisemos investigar maneiras novas e tradicionais de apresentações em espaços circulares, ao ar livre, mas ainda: quem irá alimentar os artistas e trabalhadores associados que dependem da manutenção do circuito de artes apresenta uma grande questão?

Como sabemos, plateias não podem se reunir em um único espaço devido às restrições severas

impostas por nossos governos, e também de acordo com a nossa compreensão sobre segurança. Isso apagou todas as apresentações ao vivo de nossas criações, suspensas por cinco meses, talvez mais...

Em alguns países as autoridades locais e governos providenciaram ajuda a artistas, mas somos uma força de trabalho e setor não organizados, em comparação com outras indústrias, de modo que ao fim das contas, o mesmo discurso é repetido: não há dinheiro suficiente; há setores mais importantes a serem cuidados. Há aqueles com a sorte de possuírem um teto sobre suas cabeças e despesas pagas, mas ao redor do mundo, bonequeiros modernos e tradicionais, em áreas rurais e urbanas, estão travando uma luta terrível pela existência, muitos com a ajuda de grupos da sociedade civil e de ONGs. Eu me questiono se este é o momento para a intensa produção criativa, ou para se dar tempo de ponderar e criar no isolamento.



A conectividade digital parecer ser a nova palavra da moda, mas não se pode negar que há uma grande diferença entre uma apresentação ao vivo e algo pré-gravado ou preparado para audiências *online*. E estariam enfim tais iniciativas produzindo alguma receita para os artistas? Os *webinários* e apresentações são quase todas gratuitas, e com pouquíssimos ingressos vendidos... talvez precisemos pensar em uma nova forma em que a arte possa entrar em sinergia para produzir não apenas documentos filmados, mas que haja criatividade para se fundir as duas maneiras. Estou seguro de que bonequeiros em diversos países estão buscando a mesma coisa.

Dito isso, eu sinto que nunca houve um momento em que nos juntamos tanto para acreditar no impossível. A frase *We Shall Overcome* [Nós iremos superar]⁴ nunca foi tão verdadeira.

Como artistas precisamos nos ajudar, tanto em espírito quanto moral e fisicamente; de todas as maneiras que pudermos, precisamos dizer aos nossos bonequeiros e a quem ocupa as posições mais altas (!!!), aqueles que cortaram os nossos fios, que nós existimos(!!!), e que sem nós o mundo seria um lugar muito duro e seco. Nós somos os repositórios de nossas culturas, tradições e pensamentos, sem o que não se pode existir: arte, música, estórias contadas por meio da dança, estão presentes em cada celebração, em cada passagem, e são uma ponte para o agora desconhecido novo mundo.

Neste exato momento eu me encontro em sintonia com as letras de duas de minhas canções e melodias preferidas, ambas originárias da América do Sul: uma do Chile, e outra do Brasil, e ambas foram usadas por mim em minhas apresentações; elas nos oferecem introspecção e esperança para um amanhã mais iluminado:

*Gracias a la vida que me ha dado tanto
Me dio el Corazón que agita su marco
Cuando miro el fruto del cerebro humano,*

*Quando miro al bueno tan lejos del malo,
Quando miro al fondo de tus ojos claros
Gracias a la vida que me ha dado tanto
Me ha dado la risa y me ha dado el llanto
Así yo distingo dicha de quebranto,
Los dos materiales que forman mi canto,
Y el canto de ustedes que es mi mismo canto,
Y el canto de todos que es mi propio canto
Gracias a la vida que me ha dado tanto. (Violeta Parra)*

E para olharmos adiante, na direção de uma nuvem mais brilhante no céu as palavras da música tema do filme *Orfeu Negro*⁵, tornada famosa por Luiz Bonfá e pelo letrista Antonio Maria:

*Manhã, tão bonita manhã.
Na vida, uma nova canção
Cantando só teus olhos
Teu riso, tuas mãos
Pois há de haver um dia
Em que virás
Das cordas do meu violão
Que só teu amor procurou
Vem uma voz
Falar dos beijos perdidos
Nos lábios teus
Canta o meu coração
Alegria voltou
Tão feliz a manhã
Deste amor
Manhã tão bonita manhã
De um dia feliz que chegou
O sonho seu surgiu
E em cada cor brilhou
Voltou o sonho então
Ao coração*

*Depois deste dia feliz
Não sei se outro dia haverá
É nossa manhã tão bela afinal
Manhã de carnaval
Canta o meu coração
A alegria voltou
Tão feliz
A manhã desse amor*

Eu desejo a toda a minha família de bonequeiros do Brasil, e do mundo, com toda a humildade e empatia, um futuro melhor para todos nós, um futuro que teremos que construir juntos para a nossa arte.*

*Tradução de Mário Piragibe.

NOTAS

² O concurso internacional de dramaturgia realizado pela UNIMA, em 2018, ofereceu como prêmio a encenação e a apresentação do texto vencedor em quatro países de quatro continentes. Inscreveram-se jovens dramaturgos de 17 países e o texto do brasileiro Marcos Nicolaiewsky foi o grande vencedor. *Fronteiras* está publicado na Revista Mamulengo n. 15 e pode ser acessado na página da ABTB - Centro UNIMA Brasil https://abtbcentrounimabrasil.files.wordpress.com/2020/05/mamulengo_texto-dramc381tico.pdf (N.T.)

³ RésiliArt é uma série de conferências e encontros virtuais promovidos pela UNESCO com o intuito de avaliar os impactos das medidas de isolamento social motivadas pela crise COVID-19, bem como de propor medidas de ajuda para profissionais das artes por ela impactados. O link para a mesa-redonda da qual fez parte a UNIMA Internacional é <https://www.unima.org/en/projects-and-achievements/resiliart-round-tables/>. (N.T.)

⁴ Título da canção popularizada por Joan Baez, composta por Guy Carawan, Frank Hamilton, Zilphia Horton e Pete Seeger. (N.T.)

⁵ Produção cinematográfica de 1959, dirigida por Marcel Camus, a partir da peça teatral *Orfeu da Conceição*, de Vinícius de Moraes. (N. T.)

WE ARE ALL IN THE SAME BOAT - A VIEW FROM INDIA

Dadi D. Pudumjee¹

I write these thoughts both as President of UNIMA International and as a practicing puppeteer and trustee/director of The Ishara International Puppet Festival.

As puppeteers in many of our countries – and I would also think the same of Brazilian puppeteers – we wear many hats: designers, makers, directors, administrators and, above all, communicators. This is true of most countries around the globe, except where there are large state sponsored theatres.

I start my story of 2020 somewhere in January, planning and finalizing the groups of our 18th Ishara International Puppet Festival in which, as you are aware, many Brazilian groups have performed in the past and from more than a one hundred countries in these last eighteen seasons. The festival, the audiences and schools who attended to this last season in February were thrilled with the variety of styles and traditions from the world over, albeit without any idea of what was to affect us in the coming months.

In March, accompanied by our UNIMA general secretary, Ideia Otego, and treasurer Lucille Boson, we arrived in Abidjan, Ivory Coast, West Africa, to conduct a shadow puppet workshop for local puppeteers, in the framework of the *Marché des Arts du Spectacle d'Abidjan* (MASA). This was also to be

a precursor of the UNIMA Four Continents Project, which was planned for our April 2020 Congress in Bali (now postponed for 2021, due to the pandemic and travel regulations). As you know the theme/synopsis for the various groups to work on was chosen through an international competition, won by Brazilian artist Marcos Nicolaiewsky, with the play *Customs* [Fronteiras].

It was during our stay in Abidjan that we started hearing news of the new Corona Virus (SARS-Cov-2) and the COVID-19, spreading supposedly from China to Europe, and the world. As we left Abidjan, between the 14th and 16th of March, we were lucky to return to our countries and homes just before the lockdown and quarantine systems were put in place, and WHO termed it as a Pandemic. The rest as we all know is living history. At each day the news tells us many truths, at times confusing ones – what to believe in?

The term *new normal* seems to have settled in. Masks, isolation, sanitization, quarantine, comorbidity, ambulance sirens, Zoom meetings and people in strange PPE² kits have suddenly become everyday sights and sounds.

The RésiliArt UNIMA³ geographical conferences on Zoom have brought together puppeteers across the globe in ways that we could never imagine, discussing similarities in the present conditions and ways to hopefully overcome them. Spread across the world, puppetry artists, allied artists such as performers, costumers, tailors, light and

¹ President of UNIMA Internacional. Lives in New Deli. E-mail: dadipud@gmail.com

sound technicians, people who attend to theatres and spaces have suddenly been left to themselves, wondering how to keep afloat and manage day to day lives. Here, I am told that in India, to put an artist on stage in the theatre a minimum of thirty-three people are behind the show, at least. Maybe we should need to look for new and traditional ways of performances in the round, in the open air, but still: who will feed the artists and coworkers who lean on the arts going on stage a huge question.

As we know audiences cannot gather in one place due to the severe restrictions imposed from our Governments, but also by our own awareness of safety, and it have erased all our production's live performance's now for almost 5 months, and it can be more...

In some countries the local authority's and Governments have come to the aid of artists, but we are an unorganized work force and sector compared to other industries, hence at the bottom of the line, the usual refrain is heard: there is no money, there are far more important sectors to look into. There's people lucky enough to have a roof over their heads and their larders full, but across the globe, both traditional and modern puppeteers, urban and rural, are fighting a tremendous battle for survival, mostly helped by Civil society groups and NGO's. If now it's time for intense productivity, or for time and space to be given us to ponder and create in isolation I really wonder.

The digital online seems to be the new buzz word, but no one can deny that there is a vast gap between a live performance and something prerecorded or then specially made for online audiences. And are these though getting any income to the artists? The webinars and shows are mostly free and where very few tickets are sold... maybe we do need to think of a new way, where the medium and the art can synergize not to just produce filmed documents, but where some more creativity in

merging the two could be employed. I am sure that puppeteers in many countries are seeking the same.

Having said the above I feel that there has never been a time of us coming together and believing in the impossible. The lines *We Shall Overcome*⁴ were never more true.

As artists we need to support each other both in spirit, morally and physically; in whatever way we possibly can, we need to tell our puppeteers who are the ones that sit in high places (!!!), and who have cut off our strings, that we exist (!!!), and that without us the world would be a very dull and dry place. We are the repositories of our culture, traditions, and thoughts, without which we cannot not exist: art, music, theatre dance stories, are there at every celebration, every passing on and are a bridge into the now unknown new world...

At this very moment I resonate with the words of two of my favorite songs and melody's, both coming from South America: one from Chile and the other from Brazil. I have used both in my performances; they lend us introspection and hope for a brighter tomorrow:

Gracias a la vida que me ha dado tanto
Me dio el Corazón que agita su marco
Cuando miro el fruto del cerebro humano,
Cuando miro al bueno tan lejos del malo,
Cuando miro al fondo de tus ojos claros
Gracias a la vida que me ha dado tanto
Me ha dado la risa y me ha dado el llanto
Así yo distingo dicha de quebranto,
Los dos materiales que forman mi canto,
Y el canto de ustedes que es mi mismo canto,
Y el canto de todos que es mi propio canto
Gracias a la vida que me ha dado tanto (Violeta Parra)

And, to look forward to a brighter cloud in the sky the words from the theme song of Black Orpheus made famous by Luiz Bonfá and lyricist Antonio Maria:

Manhã, tão bonita manhã.
Na vida, uma nova canção
Cantando só teus olhos
Teu riso, tuas mãos
Pois há de haver um dia
Em que virás
Das cordas do meu violão
Que só teu amor procurou
Vem um avoz
Falar dos beijos perdidos
Nos lábios teus
Canta o meu coração
Alegria voltou
Tão feliz a manhã
Deste amor
Manhã tão bonita manhã
De um dia feliz que chegou
O sonho seu surgiu
E em cada cor brilhou
Voltou o sonho então
Ao coração

Depois deste dia feliz
Não sei se outro dia haverá
É nossa *manhã tão bela afinal*
Manhã de carnaval

Canta o meu coração
A alegria voltou
Tão feliz
*A manhã desse amor.*⁵

I wish all my family of puppeteers in Brazil and the world over, in all humility and empathy and with hope for a better future for all of us, a future which we will together have to make for our art form.

NOTAS

² Personal Protective Equipment.

³ RésiliArt is a series of online conferences and meetings promoted by UNESCO with the aim of evaluate the impacts of the isolation measures motivated by the

COVID-19 crisis, as well as to propose aid for arts professionals impacted by it. The link to the round tables made in partnership with UNIMA International is: <https://www.unima.org/en/projects-and-achievements/resiliart-round-tables/>.

⁴ Song composed by Guy Carawan / Frank Hamilton / Zilphia Horton / Pete Seeger, made popular in the voice of Joan Baez.

⁵ Morning, so beautiful morning / in life, a new song / singing only your eyes / your laughter, your hands / for there will be a day / where will you come / from the strings of my guitar / that only your love sought / a voice comes / to talk about lost kisses / on your lips / sing my heart / Joy has returned / so happy the morning / of this love / Morning so beautiful morning / From a happy day that arrived / Your dream came up / And in every color it shone / The dream came back then / To the heart / After this happy day / I don't know if there will be another day / It's our morning so beautiful, after all / Carnival morning / My heart sing / the joy has returned / So happy / The morning of this love.